

# INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA NAS CIÊNCIAS HUMANAS 2

**Gabriella Rossetti Ferreira  
(Organizadora)**



**Gabriella Rossetti Ferreira**

(Organizadora)

# Investigação Científica nas Ciências Humanas 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Karine de Lima  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
162	Investigação científica nas ciências humanas 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Investigação Científica nas Ciências Humanas; v. 2)  Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-392-7 DOI 10.22533/at.ed.927191306  1. Ciências humanas. 2. Investigação científica. 3. Pesquisa social. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II.Série.  CDD 300.72
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A obra “Investigação Científica nas Ciências Humanas -Parte 2” traz capítulos com diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo da educação.

O papel da investigação científica é amplamente debatido em todos os países desenvolvidos e conseqüentemente, faz parte de todas as agendas políticas. Assumamos, pois, a importância da investigação científica que levamos a cabo pela pertinência dos estudos desenvolvidos face de outros, e pelo impacto dos resultados junto da comunidade científica.

No caso da investigação científica em educação, é muito acentuada a relação entre investigação e política ou, se assim se quiser pensar, a dimensão política da investigação. Com efeito, a escolha dos temas reflete as preocupações dos investigadores, seja no aprofundamento de referenciais teóricos, seja na compreensão de problemas educativos e formas de os resolver.

É possível afirmar que sem pesquisa não há ensino. A ausência de pesquisa degrada o ensino a patamares típicos da reprodução imitativa. Entretanto, isto não pode levar ao extremo oposto, do professor que se quer apenas pesquisador, isolando-se no espaço da produção científica. Por vezes, há professores que se afastam do ensino, por estratégia, ou seja, porque do contrário não há tempo para pesquisa. Outros, porém, induzem à formação de uma casta, que passa a ver no ensino algo secundário e menor. Se a pesquisa é a razão do ensino, vale o reverso: o ensino é a razão da pesquisa, se não quisermos alimentar a ciência como prepotência a serviço de interesses particulares.

Transmitir conhecimento deve fazer parte do mesmo ato de pesquisa, seja sob a ótica de dar aulas, seja como socialização do saber, seja como divulgação socialmente relevante. (DEMO, 2001)

Para que se tenha um progresso na qualidade do ensino nos seus diversos níveis é necessário que a pesquisa exerça o papel principal dentro e fora de sala de aula, e que apresente um elo para com a prática pedagógica do docente, promovendo uma formação crítica e reflexiva.

Gabriella Rossetti Ferreira

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
FICÇÃO - FERRAMENTA DO PENSAMENTO	
<a href="#">Marcus Fabio Galvão Facine</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9271913061</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>8</b>
CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTÍMULOS PARA O SUCESSO NA ALFABETIZAÇÃO	
<a href="#">Isabela Censi</a>	
<a href="#">Gabriella Rossetti Ferreira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9271913062</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>16</b>
FUNDAMENTOS PEDAGÓGICOS DA EDUCAÇÃO DOMICILIAR NO BRASIL: ANÁLISE DE SITES E BLOGS	
<a href="#">Martha Benevides da Costa</a>	
<a href="#">Rafael Santiago de Souza</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9271913063</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>28</b>
HARRIET MARTINEAU, ALÉM DE SEU TEMPO	
<a href="#">Vitória Rodrigues Rocha Milioni</a>	
<a href="#">Kevin Gustavo Alves de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9271913064</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>39</b>
HISTÓRIA, MEMÓRIA E COTIDIANO NAS CRÔNICAS DE RUBEM BRAGA	
<a href="#">Lucas de Oliveira Cheque</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9271913065</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>50</b>
IDENTIDADE E EDUCAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A PRESENÇA DA CATEGORIA IDENTIDADE NOS TRABALHOS CIENTÍFICOS APRESENTADOS NOS GT'S 03 E 23 DA ANPED NO PERÍODO DE 2003 A 2015	
<a href="#">Breno Alves dos Santos Blundi</a>	
<a href="#">Maria Denise Guedes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9271913066</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>61</b>
INOVAÇÃO NAS AULAS DE MATEMÁTICA: O USO DE MANGÁS NO ENSINO DE ANÁLISE COMBINATÓRIA	
<a href="#">Luis Felipe Vieira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9271913067</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>68</b>
LA VALORIZACIÓN DE LOS SABERES DE LA CULTURA DEL BUTIÁ EN SANTA VITÓRIA DO PALMAR (RS), BRASIL	
Bibiana Schiavini Gonçalves Toniazzo Laura Bibiana Boada Bilhalva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9271913068</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>77</b>
LÉXICO TABU E LA CASA DE PAPEL: OBSERVAÇÕES SOBRE A TRADUÇÃO DO PAR LINGUÍSTICO ESPANHOL-INGLÊS	
Denise Bordin da Silva Antônio Melissa Alves Baffi-Bonvino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9271913069</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>89</b>
MÃE SOCIAL: UM MODO DE EDUCAR ENTRE A VULNERABILIDADE E O ACOLHIMENTO	
Bruno da Silva Souza Romualdo Dias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92719130610</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>98</b>
MONITORAMENTO DA GESTÃO ORÇAMENTÁRIA E FINANCEIRA MUNICIPAL SOB A PERSPECTIVA SINDICAL	
Nayla Karoline Demilio Perez Brássica	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92719130611</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>114</b>
NO PRESENTE O PASSADO REVELA-SE MAIS PRESENTE: PRÁTICAS DISCIPLINARES DE CASTIGOS ESCOLARES NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990 EM SERRINHA-BA	
Angélica Silva Santos Selma Barros Daltro de Castro Ivonete Barreto Amorim Solange Mary Moreira Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92719130612</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>120</b>
NÚCLEO DE PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO: CONSTRUINDO PERCEPÇÕES POSSÍVEIS SOBRE A INSERÇÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO MUNDO DO TRABALHO	
Sibila Luft Ana Paula Parise Malavolta Clairton Basin Pivoto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92719130613</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>130</b>
UMA EXPERIÊNCIA DE CURSINHO POPULAR: ENTRE IMPLICAÇÕES E DESLOCAMENTOS	
Leonardo Paes Niero Romualdo Dias André Pereira da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92719130614</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>142</b>
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA FCT/UNESP: UM OLHAR SOBRE SUA HISTÓRIA E PRODUÇÕES	
Jefferson Martins Costa Vanda Moreira Machado Lima Guilherme dos Santos Claudino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92719130615</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>153</b>
TERMÔMETRO MUNICIPAL: INDICADORES DE DESEMPENHO ECONÔMICO PARA O MUNICÍPIO DE SANTIAGO/RS	
Kamila Lazzeri Manzoni Francine Minuzzi Gorski Lucas Urach Sudati Lucineide de Fátima Marian Tiago Gorski Lacerda	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92719130616</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>164</b>
O EQUILÍBRIO DE PODER EM “A POLÍTICA DE PODER” DE MARTIN WIGHT: ESTUDO INTRODUTÓRIO SOBRE A ESCOLA INGLESA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	
Theo Peixoto Scudellari Rafael Salatini de Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92719130617</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>176</b>
ARTE E TECNOLOGIA – APLICAÇÃO DE ARDUINO NA MONTAGEM DE UM MONITOR 3D “CUBE LED” (CUBO DE DIODO EMISSOR DE LUZ)	
Rodolfo Nucci Porsani Luiz Antonio Vasques Hellmeister Augusto Seolin Jurisato	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92719130618</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>188</b>
CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA: O CASO DO PARQUE ECOLÓGICO NELSON BUGALHO (PRESIDENTE PRUDENTE – SP)	
Patrícia Cereda de Azevedo Eda Maria Góes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92719130619</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>200</b>
O LEVIATÃ NO SÉCULO XXI: UM ESTUDO A PARTIR DE HOBBS DO “USA PATRIOT ACT”	
Luís Felipe Mendes Felício	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92719130620</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>211</b>
O RE-APRENDIZADO DE PESSOAS DEFICIENTES VISUAIS A PARTIR DA FASE ADULTA NOS ESPAÇOS SOCIAIS	
Simone Aires da Silva Rúbia Emmel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.92719130621</b>	

**CAPÍTULO 22 ..... 223**

O RETORNO DO INTERNAMENTO DOS INDIVÍDUOS DESVIANTES NO BRASIL: UMA ANÁLISE SOBRE A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA POBREZA E DA LOUCURA

Letícia Lafelix Minari

Hélio Rebello Cardoso Júnior

**DOI 10.22533/at.ed.92719130622**

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 235**

## NO PRESENTE O PASSADO REVELA-SE MAIS PRESENTE: PRÁTICAS DISCIPLINARES DE CASTIGOS ESCOLARES NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990 EM SERRINHA-BA

### **Angélica silva santos**

Universidade do Estado da Bahia/Campus XI  
Serrinha – Bahia

### **Selma Barros Daltro de Castro**

Universidade do Estado da Bahia/Campus XI  
Serrinha – Bahia

### **Ivonete Barreto Amorim**

Universidade do Estado da Bahia/Campus XI  
Serrinha – Bahia

### **Solange Mary Moreira Santos**

Universidade Estadual de Feira de Santana  
Feira de Santana- Bahia

**RESUMO:** Na história da educação no Brasil, os castigos escolares costumavam ocupar um lugar de destaque na condução dos processos educativos dos estudantes. Tais castigos se inseriam na proposta de um sistema disciplinar punitivo, criando uma cultura específica para a escola brasileira. Nesse sentido, este trabalho objetivou: a) analisar as práticas disciplinares vivenciadas no âmbito escolar a partir da percepção de estudantes das décadas de 1980 e 1990 em uma escola pública da cidade de Serrinha-BA; e b) explicitar os sentimentos de estudantes das décadas de 1980 e 1990 em relação às práticas de castigos escolares. A metodologia, de base qualitativa, inspirou-se na história oral, utilizando a entrevista narrativa

temática como dispositivo de coleta de dados. Os resultados evidenciaram que as práticas dos castigos fizeram parte do cenário educativo como ação pedagógica e geraram sentimentos de medo, ansiedade, raiva, dor e até mesmo indiferença por parte dos estudantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura escolar; Práticas disciplinares; Punições; Castigos escolares.

## 1 | INTRODUÇÃO

A escola é um lugar estruturado por regras, processos, normas, práticas, concepções e ações que constituem uma cultura própria, a qual não se repete nem se mantém neutra em relação à sociedade. Assim, segundo Julia (2012), é possível conceber uma escola a partir de um conjunto de normas e práticas que determinam conhecimentos e comportamentos a serem transmitidos e incorporados, os quais correspondem a finalidades de um determinado tempo, ainda que possam vir a variar.

Quando relacionado à escola, o estudo pode seguir vertentes variadas de pesquisas, de modo a compreender e entender seus processos, buscando investigar sua cultura e suas práticas difundidas em seu espaço (FARIA FILHO, 2004). Vale investigar tanto o seu interior quanto os seus sujeitos, ações e reações, envolvendo os contextos histórico,

social e econômico presentes.

Numa análise da tradição pedagógica no Brasil, Aranha (1996) ressalta que, apesar da forte tentativa de implantação do tecnicismo no país, muitos professores permaneciam nas escolas, imbuídos de uma mistura de ideias e tendências pedagógicas. Assim, na linha tradicionalista, cujo centro do processo de ensino era o professor, atribuía-se a este a função de vigiar, ensinar, corrigir erros e – se necessário – punir, pois essa linha pedagógica estava atrelada a uma proposta educacional pertencente a um sistema disciplinar punitivo e vigilante, o qual caracterizou, por muito tempo, o contexto da cultura escolar no Brasil.

Desse modo, o estudo a partir da cultura escolar permite a compreensão de acontecimentos, normas, leis e práticas que construíram e modificaram a instituição e a educação escolar durante um processo marcado por avanços e retrocessos. Nesse sentido, o artigo dedicou-se ao estudo do funcionamento das práticas disciplinares vivenciadas numa escola pública do município de Serrinha, localizado no interior da Bahia, através da percepção de estudantes das décadas de 1980 e 1990, abordando características típicas de um ensino tradicionalista. O trabalho objetivou: a) analisar as práticas disciplinares vivenciadas no âmbito escolar a partir da percepção de estudantes das décadas de 1980 e 1990 em uma escola pública da cidade de Serrinha; e b) explicitar os sentimentos de estudantes das décadas de 1980 e 1990 em relação às práticas de castigos escolares.

A pesquisa foi desenvolvida tomando como referência a linha História da educação, formação docente, currículo: novos contextos de aprendizagem, do grupo de pesquisa Educação Políticas Públicas e Desenvolvimento Social (EPODS), vinculado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), do Departamento de Educação, Campus XI/Serrinha, e aqui se apresenta organizada em: Procedimentos metodológicos; A construção da disciplina como prática da cultura escolar; Escola, castigos e sentimentos que se evidenciam; e Considerações finais.

## 2 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De acordo com Franco (1996), Serrinha foi um município que se desenvolveu economicamente com base na agropecuária; assim, a agricultura tornou-se fonte de sustento para muitas famílias do município. As plantações de feijão, milho e mandioca compõem a base da cultura familiar de subsistência na cidade, sendo, desse modo, “de pequena produção para o comércio” (FRANCO, 1996, p. 177).

Houve um crescimento demográfico significativo entre os anos de 1970 a 1991. Segundo Santos (2006), o aumento da população jovem demandava a ampliação da quantidade de escolas para o atendimento dessa faixa etária. Diante disso, o município realizou várias obras na década de 1980, muitas delas voltadas para a educação, erigindo novas escolas na sede e na zona rural, o que possivelmente ocasionou a construção de espaços educativos com poucas salas de aula (FRANCO, 1996).

Esta pesquisa se constituiu de cunho qualitativo, com inspiração em elementos da história oral, isto porque permitiu uma imersão na memória, sobretudo naquelas acerca da escola e de seu cotidiano, ambos pertencentes a um contexto complexo de relações, ações, significações e sentimentos, envolvendo cultura, sujeitos e tempos, uma vez que “a história oral está atrelada a processos culturais, sociais e históricos” (ARAGÃO; TIMM; KREUTZ, 2013, p. 30). Optou-se pela entrevista narrativa temática como dispositivo de coleta de dados, aplicada a três colaboradoras – Aline, Vanessa e Valéria (nomes fictícios) –, todas estudantes egressas de uma mesma escola municipal da cidade. As ex-alunas frequentaram a escola nos anos 1980/1990 e vivenciaram práticas de castigos dentro do ambiente escolar.

### 3 | A CONSTRUÇÃO DA DISCIPLINA COMO PRÁTICA DA CULTURA ESCOLAR

O termo disciplina é entendido como um sistema que tem o domínio sobre o corpo, tornando-o mais eficaz e rápido como se determina, impondo-lhe uma relação de docilidade-utilidade (FOUCAULT, 1999). Tal organização disciplinar do ensino tornou possível o trabalho simultâneo e a economia do tempo para o ensino, com lugares e horários definidos, pouca ou nenhuma explicação, o silêncio total que seria interrompido apenas por sinos, gestos e olhares. O professor já não necessitava dedicar tempo para o atendimento individualizado; a escola passou a ser uma máquina de ensinar, vigiar e classificar de forma hierárquica seus alunos.

De acordo com Skinner (2003), a punição é uma técnica de controle do comportamento na qual o castigo surge diante da conduta indesejada, visando à sua imediata extinção. Assim, enquanto a disciplina possui a função de reduzir e prevenir desvios, a punição objetiva, em sua essência, ser um modo corretivo que ocorre diante da falha e dos desvios cometidos.

Reconstruir práticas e representações acerca dos castigos escolares, “é caminhar por um solo ainda quente” (ARAGÃO; FREITAS, 2012 p. 19). Essa temática envolve conflitos – entre ações e representações, práticas e estratégias – que permanecem nas lembranças e nos sentimentos de muitos indivíduos em relação ao que foi vivido ou presenciado na escola. De tal modo, é necessário considerar os elementos diversos que compõem essa esfera, a exemplo do período, do espaço, das práticas e das representações, perpassando as tensões entre táticas e estratégias, principalmente quando se trata de castigos como meio para educar e disciplinar pessoas.

A palmatória e os castigos corporais pareciam permanecer dentro de uma naturalização na escola, ainda que relacionados a uma experiência dolorosa; o uso desses instrumentos não era questionado, mas justificado, tanto pelo julgamento de falta de dedicação aos estudos quanto pela não aprendizagem ou ainda pelo mau comportamento dos alunos.

Eu levei um bocado de palmatória que eu briguei [...]. Botava no milho, botava, aí

quem aprontava demais, aí se você aprontava, brigava, como é... Palmatorada... E era assim, tinha uma dúzia, meia dúzia, quanto mais o castigo... Aprontava mais era a dúzia, vinte... Duas dúzias de vez, teve gente que ficou com a mão.... Teve uma vez que uma amiga ficou com a mão ardendo. (Vanessa).

Sob a mesma ótica, Valéria relata: *“eu tenho uma lembrança que às vezes botava ajoelhado no carço de milho, botava, eu lembro que z. C. Ficou uma vez... Aprontava demais”*. Assim, o castigo se justificava pela falta cometida pelo aluno; seu comportamento determinava a intensidade do castigo: quanto maior fosse considerada a falta, maior era a punição recebida.

De acordo com Aragão e Freitas (2012, p. 32) “castigava-se as crianças de ontem para civilizá-la [...]. A criança era um ‘vir-a-ser’, um projeto, o futuro”. Assim, esse método era visto como um meio para se conquistar a educação do ser socialmente disciplinado e ao mesmo tempo como instrumento para promoção da aprendizagem, como afirma Aline: *“Outra vez você ficava lá... Eu me lembro dessa pessoa que tomou a palmatória, essa pessoa não acertava, tentava, e tomava a palmatória porque não sabia a letra”*.

Nesse sentido, os castigos foram usados como estímulo ao aprendizado e forma de disciplinamento dentro de muitas escolas. Tal prática perpetuou-se por muito tempo, constituindo parte da cultura escolar.

#### 4 | ESCOLA, CASTIGOS E SENTIMENTOS QUE SE EVIDENCIAM

Quando se analisa a autoridade que se relaciona e/ou se sustenta pelo castigo, nota-se uma relação construída histórica e culturalmente, pois a crença de que os castigos conduziam à educação fazia parte do processo. Desse modo, de acordo com Neves (2011), os castigos não desapareceram do âmbito escolar em sua totalidade, muito embora tenham perdido boa parte de sua força com o passar dos anos.

Os castigos vinham se evidenciando também numa “versão próxima do que Bourdieu classificou como *violência simbólica*, traduzindo-se em situações como: ansiedade, medo e tensão provocados pelo professor ou professora” (NEVES, 2011, p. 2, grifo da autora). Assim, poderíamos elencar diversos tipos de castigos, a exemplo das retenções ao banheiro e/ou recreio, da exposição da falha em coletivo e das ameaças de conservação do aluno na série.

Uma das colaboradoras revelou, em sua narrativa, o sentimento que a sala de aula lhe trazia:

Aí eu chegava e a sala era grandona e aí eu não sei... Eu via aquela salona cheia de cadeira e quando eu entrava dava aquele... Um ambiente de medo, não era aquele ambiente que era um lugar bom não, chegava na sala era aquele ambiente de medo na sala, assim, cê sentava assim, era aquele negócio de medo mesmo. (Aline).

Desse modo, o medo e a ansiedade são evocados diante de uso da punição, pois, como afirma Skinner (2003), são sentimentos que se caracterizam como efeitos de um estímulo aversivo. O medo humano é um estado emocional de alerta que pode surgir diante de um procedimento de controle, geralmente ligado a estímulos aversivos usados na punição; essa resposta tende a se manifestar sempre que houver o contato do sujeito com uma situação igual ou parecida, e o mesmo ocorre quando esse estímulo controlador é originado a partir de um agente.

Aline relatou uma situação que presenciou na escola, na qual ela descreve a intensidade do medo de um de seus colegas diante da ameaça de castigo a partir da palmatória:

Quando falou que quem não fizesse que ia levar palmatória que só viu o mijo assim ó. Na sala, que a sala parecia ser meio descambada, eu lembro, foi alguma coisa assim que eu fiquei assim impressionada de ver aquele mijo assim. Todo mundo dizendo “eta mijô, mijô, mijô”. Foi só de medo de tomar palmatória. (Aline).

As ameaças de castigo na escola promoviam principalmente o medo; tal fato torna explícita a ideia de que a prática do castigo físico na escola estava principalmente ligada a uma metodologia que não se resumia em apenas punir pelo erro, mas introduzir no grupo a percepção de que a qualquer momento alguém poderia ser castigado. De acordo com Skinner (2003), o medo é um padrão emocional que se vislumbra não apenas de modo abstrato no sujeito, uma vez que as respostas originadas a partir do medo tendem a modificar o comportamento do indivíduo, podendo, assim, ser demonstrado através de atitudes que possam promover um enfraquecimento ou uma forma de fuga da situação.

Compreende-se que a autoridade se constrói diante de relações sociais que estabelecem um jogo de poder e hierarquia, ainda que entre tais relações o poder não possa ser algo palpável – em geral, alguém tem autoridade quando suas ordens, enunciados e saberes são considerados verdadeiros por quem os obedece. O poder se torna ainda mais evidente no sistema disciplinar, pois traz um modo próprio de controle; assim, a punição enquanto técnica desempenha o papel de manipular e corrigir ações, com o intuito de promover a manutenção do sistema.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os castigos fizeram parte do cenário educativo como ação pedagógica; eram empregados sempre que surgisse um comportamento considerado errado e aplicados como meio de punir o erro ou a falha na aprendizagem. A palmatória era um instrumento utilizado para penalizar o aluno tanto por seu “mau comportamento” quanto por sua possível falha nos estudos.

Os castigos eram aplicados e classificados de acordo com o grau do delito cometido: quanto maior fosse a causa, mais dolorosa a execução. A intensidade ou

o tipo de castigo estavam relacionados ao comportamento dos alunos, ao nível de desobediência e aos erros de aprendizagem.

As relações construídas entre professores e estudantes caracterizavam-se sob o viés da imposição. Sustentadas pelos castigos, acabaram gerando lembranças e sentimentos de medo, ansiedade, raiva, dor e até mesmo indiferença por parte dos estudantes.

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Milena; FREITAS, Ana Maria Gonçalves Bueno de. Práticas des castigos escolares: enlaces históricos entre normas e cotidiano. **Conjectura**, Caxias do Sul, RS, v. 17, n. 2, p. 17-36, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/1648/1024>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

ARAGÃO, Milena; TIMM, Jordana Wruck; KREUTZ, Lúcio. A história oral e suas contribuições para o estudo das culturas escolares. **Conjectura**, Caxias do Sul, RS, v. 18, n. 2, p. 28-41, maio/ago. 2013. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/1900>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. São Paulo: Moderna, 1996.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n1/a08v30n1.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

FRANCO, Tasso. **Serrinha: a colonização portuguesa numa cidade do sertão da Bahia**. Salvador: EGBA; Assembleia Legislativa do Estado, 1996.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2012. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/37742506.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

NEVES, Josélia Gomes. O erro construtivo e o castigo na escola. **Revista Iberoamericana de Educacción**, Madrid, n. 35, p. 1-4, 2011. Disponível em: <[www.rieoei.org/deloslectores/974Gomes.PDF](http://www.rieoei.org/deloslectores/974Gomes.PDF)>. Acesso em: 17 mar. 2018.

SANTOS, Gildenor Carneiro dos. **Religião, sociedade e educação: a atuação do Padre Demócrito Mendes de Barros em Serrinha (Ba) 1950-1992**. 2006. 295f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2006.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e comportamento humano**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-392-7

